

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso*

Vera França, Roberto Almeida**

RESUMO:

No escândalo político do “mensalão”, que eclodiu em 2005, Fernanda Karina Somaggio, ex-secretária do empresário Marcos Valério, ganhou notoriedade ao denunciar as supostas ligações de seu ex-patrão com os esquema de corrupção. Buscamos analisar este caso à luz de dois núcleos conceituais: a noção de acontecimento enquanto deslocamento de sentidos e reorientação da ação; o conceito de público enquanto coletivo marcado pela experiência do acontecimento e envolvimento na ação. Em nosso estudo, analisamos matérias publicadas em meios impresso e televisivo, e realizamos alguns grupos focais, buscando apreender tanto a construção midiática do acontecimento Fernanda Karina quanto a natureza dos posicionamentos assumidos pelos sujeitos interpelados pelo caso em questão.

Palavras-chave: público, acontecimento, interações comunicativas

ABSTRACT:

In 2005, Fernanda Karina Somaggio, former secretary of businessman Marcos Valério, became notorious by denouncing his ex-boss's supposed connections with the “Mensalão” corruption scheme. The analysis presented in this article revolves around two conceptual cores: a) the notion of event, portrayed here as a meaning displacement that triggers an action reorientation; b) the concept of public, presented here as a collective characterized by the experience of the event and by the engagement in action. In our research, we have analyzed stories published in TV and press, and we have done some focal groups, in order to apprehend the mediatic construction of the event Fernanda Karina, as well as the nature of the reactions of the publics affected by the case.

Keywords: publics, media events, communicative interactions

* Este texto é resultado de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, *Narrativas do Cotidiano – na mídia, na rua. Fase II: consonância e dissonâncias no âmbito da comunicação*, coordenado pela profa. Vera França. Ele sistematiza questões apontadas em dois trabalhos específicos produzidos pelo projeto, *A secretária da crise: a construção do acontecimento Fernanda Karina Somaggio*, de Marco Antonio Veloso de Almeida, e *O acontecimento e seus públicos: a conformação do caso Fernanda Karina*, de Roberto Almeida (bolsistas de Iniciação Científica do projeto).

** Vera França (veravfranca@yahoo.com.br) é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG e coordenadora do GRIS (Grupos de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG). Roberto Almeida (almeida1984@gmail.com) é mestrando do mesmo Programa.

A análise de um acontecimento midiático nos leva inicialmente a indagar sobre a própria noção de acontecimento: mais do que um fato (o acontecimento é da ordem dos fatos), trata-se de um fenômeno de sentido que instaura descontinuidades e afeta aqueles que o experimentam. Como aponta Romano, “radicalmente imprevisível, pois antes de tudo fundamentalmente inexplicável a partir dos possíveis que preexistiam a ele no mundo (.....), o acontecimento dilacera a trama de nossas expectativas e transtorna o desenho de nossos projetos.” (ROMANO, 1999, p. 164). O acontecimento é desorganizador; ele abala pontos de vista estabilizados e suscita novos arranjos.

Neste artigo buscamos investigar a conformação de um acontecimento específico – o caso Fernanda Karina – e a maneira como ele constitui e toca seus públicos. É nosso interesse apreender os sentidos e a natureza da afetação que este acontecimento provoca, os deslocamentos que ele suscita e os movimentos que torna possíveis.

Num primeiro momento, discutiremos os conceitos de público e acontecimento. Apresentaremos a seguir uma análise da conformação midiática do caso em questão, atentando para a forma como a intervenção de Fernanda Karina foi narrada em diferentes veículos de comunicação, tanto no meio impresso quanto televisivo. Na sequência, apresentamos o resultado das investigações sobre a apreensão do acontecimento e as relações estabelecidas entre um grupo de receptores e as narrativas construídas em torno deste caso.

O “caso”

Inicialmente é preciso situar o caso a que nos referimos: quem é Fernanda Karina, e qual é o contexto de sentido onde ela aparece?

Fernanda Karina Ramos Somaggio foi secretária do publicitário Marcos Valério, que ficou nacionalmente conhecido como o operador do “mensalão”. Segundo denúncias efetuadas pelo ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ) no início de 2005, o Partido dos Trabalhadores controlava um esquema de pagamento de 30 mil reais mensais para deputados com o intuito de interferir na votação das diversas pautas colocadas em apreciação na Câmara. O esquema, gerido por figuras eminentes do PT e do próprio governo, ficou conhecido como “mensalão”. O publicitário Marcos Valério foi acusado por Roberto Jefferson de ser o encarregado de efetuar o pagamento dos deputados envolvidos no esquema.

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

Quando estouraram as denúncias contra Marcos Valério, Fernanda Karina, ex-secretária do empresário, vem a público e confirma as acusações de Roberto Jeffersonⁱ. Desmentindo publicamente seu ex-patrão, Karina afirma que Valério mantinha contatos freqüentes com membros da alta cúpula do Partido dos Trabalhadores e sacava grandes somas de dinheiro na véspera de seus encontros com esses políticos. Acuado, Marcos Valério acusa Fernanda Karina de tentativa de extorsão: segundo ele, sua ex-secretária havia lhe pedido dinheiro para silenciar sobre o que supostamente sabia. Em 22 de agosto de 2005, no entanto, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) anunciou que a ação penal movida por Valério deveria ser suspensa temporariamente por falta de coerência entre a denúncia e o depoimento de uma das testemunhas do caso.

As denúncias de Karina causaram certo impacto e, por algum tempo, a personagem mobilizou fortemente a atenção das mídias. Jogada no olho do furacão criado em torno do escândalo político, Fernanda Karina alcança certa notoriedade. A visibilidade obtida pela ex-secretária no início da crise atrai inclusive o interesse de uma revista masculina: em junho de 2005 Fernanda Karina é convidada a posar nua nas páginas da *Playboy*. Em resposta, Fernanda Karina afirma que só realizaria o ensaio mediante o pagamento de um cachê de 2 milhões de reais. Esse montante, segundo ela, seria usado para viabilizar sua candidatura a deputada federal nas eleições do ano seguinte. O acordo com a revista não se realizou, e Fernanda Karina se limita a um pouco expressivo ensaio fotográfico nas páginas da *Revista da Folha*. Mesmo assim, nas eleições de 2006, Fernanda Karina sai candidata a deputada federal pelo PMDB de São Paulo, obtendo uma votação irrisória.ⁱⁱ

O caso Fernanda Karina configura-se, assim, como um evento particular dentro da crise do mensalão: um micro-acontecimento dentro de um acontecimento maior, que o precede e o extrapola. Fernanda Karina ganha a cena pública como depoente no escândalo de corrupção. Sua intervenção, e principalmente o trabalho efetuado pela mídia, no entanto, levam-na, em alguma medida, a “acontecer” de forma autônoma e independente da crise política. De que maneira Fernanda Karina se constitui como um acontecimento próprio, e o grau de afetação deste acontecimento, é o objeto da reflexão que se segue.

Acontecimento, experiência e público

Acontecimento e constituição de um público se relacionam intimamente em nossa reflexão, articulados pelo conceito de experiência.

Começamos pelo conceito de acontecimento, particularmente caro ao campo da comunicação e sobretudo à teoria do jornalismo. A despeito de sua recorrência, ou talvez em virtude dela, o uso e tratamento deste conceito não se dá sob a égide do consenso: diferentes modos de caracterizar o acontecimento convivem e contradizem-se no âmbito das ciências sociais e da linguagem. Como aponta Charaudeau, a forma como a noção de acontecimento é tratada no domínio dos estudos de mídia e comunicação varia de maneira acentuada de um autor para outro.

“Cuando se define la noción de acontecimiento se hace de diversas maneras: a veces designa todo fenómeno que se produce en el mundo, a veces sólo alude a los hechos que salen de lo corriente; otras veces el acontecimiento se confunde con la noticia (cuando se anuncia un hecho puntual como el descarrilamiento de un tren), e puede ser que se lo distinga sin que se aclare cuál es la diferencia (los conflictos del tipo de la guerra del Golfo, la guerra en la Yugoslavia constituyem un conjunto de noticias). Muchas veces se defiende la idea de que el acontecimiento es un dato de la naturaleza (...) mientras que otras veces se sostiene que es algo provocado. (Charaudeau, 1997, p. 118)

No pensamento de autores como Chaparro (2001), Erbolato (1985) e Lage (2003), a idéia de fato e acontecimento aparecem fundidas: os dois termos são tomados como equivalentes e tratados como matéria prima da notícia. Um fato ou acontecimento, nesta perspectiva, é aquilo que o jornalista narra, que ele elege como tema de apreciação e debate: “nos conteúdos jornalísticos se fala dos acontecimentos significativos para as pessoas, isto é, dos factos e actos, das falas e revelações imediata ou potencialmente desorganizativos ou reorganizativos, por seus efeitos imediatos na realidade vivida” (CHAPARRO 2001, 142-143)

Outraz perspectivas buscam estabelecer uma distinção entre eles, conferindo ao acontecimento uma natureza de construção, intimamente ligado ao trabalho da linguagem. Para alguns autores, o acontecimento é resultado de um processo de narração de um fato, que inclui uma dimensão de seleção e de escolha, e envolve a elaboração de um arranjo ordenador. Conforme Charaudeau, “para que o acontecimento exista é necessário *nomeá-lo*”. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 131-132). Para Mouillaud, “o fato é o paradigma universal que permite descrever os

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

acontecimentos, (.....); o acontecimento (...) designa uma exigência da representação.” (MOUILLAUD, 1997, p. 67). Em outras palavras, para o autor, o acontecimento emerge como “a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito de fato” (idem, p. 51).

Enveredando por uma perspectiva hermenêutica, Louis Quéré (2005) não se satisfaz nem com a equivalência entre fatos e acontecimentos, nem encerra o acontecimento no terreno da linguagem. Para o autor, o acontecimento é fenômeno de sentido que produz novidade ao introduzir um corte na superfície da normalidade, afetando sujeitos e provocando modificações. Fatos e acontecimentos não constituem, segundo Quéré, duas entidades completamente distintas, e não é também adequado, ao definir acontecimento, promover uma dicotomia entre fato e sentido (fato bruto *versus* fato dotado de sentido – este último constituindo um acontecimento). Acontecimentos são sim da ordem dos fatos, das ocorrências no mundo, mas eles não se dividem entre fatos dotados ou desprovidos de sentido: é no domínio da experiência, e através de seu poder de afetação que eles se constituem enquanto tal. O que distingue um acontecimento é a maneira como ele entra na experiência de alguém e atua/redireciona sua atitude e ação.

Para Quéré, têm natureza acontecimental aqueles eventos que instauram uma ruptura na sequência normal das coisas no mundo, que introduzem descontinuidade ou desordem naquilo que era outrora ordenado. Dotados de um poder de afetação, acontecimentos tocam aqueles que a eles se expõem e, neste sentido, operam transformações tanto sobre o mundo quanto sobre aqueles que o experimentam. Ao introduzir o novo, o acontecimento estimula os sujeitos envolvidos a restaurar a continuidade rompida, abrindo espaço para a investigação em torno do que o tornou possível e do que existirá em consequência dele; ele esclarece seu passado e seu futuro, convertendo essas dimensões temporais em construções relativas a um “presente acontecimental” (Quéré, 2005).

O acontecimento, dessa forma, configura-se como fenômeno revelador: ele emerge como um fenômeno que cria condições renovadas de interpretação da realidade circundante e do campo problemático no qual ele toma forma. Ao acionar novos quadros de sentido, o acontecimento ilumina diferentemente uma situação e alarga o horizonte dos possíveis. É neste sentido que se pode dizer que ele é dotado de um poder hermenêutico.

Na medida em que afeta os sujeitos que a ele se expõem, o acontecimento assume dimensão de teste: ele emerge como uma prova da qual não saem intactos aqueles que a ela se submetem. Ao se processar, o acontecimento coloca em causa a própria identidade dos sujeitos, que constroem-se e compreendem-se à luz das revelações que ele traz à baila. Em face do acontecimento, os sujeitos se colocam em exame, problematizando as percepções que tem de si mesmo e do mundo, tensionando e atualizando juízos e pontos de vista. Sujeitos não apenas sofrem um acontecimento: eles o enfrentam e oferecem respostas, transformando-se e transformando sua visão de mundo a partir da confrontação estabelecida. A experiência do acontecimento, desse modo, emerge como uma "travessia" que afeta os sujeitos e os constitui, conformando sentidos, referências e pontos de vista (Quéré, 2003, 2005).

Pertencendo ao domínio do inédito e da mobilidade, o acontecimento atua na vida social como motor de transformação e como "origem de conseqüências". Segundo Isabel Lança, "O acontecimento continua assim a acontecer ou a devir para além da sua ocorrência espaciotemporal e empírica, durando o tempo que dura o seu campo de possíveis, a modificação de situações, a provação e a acção daqueles a quem acontece" (LANÇA, 2005, p. 89). O acontecimento, nessa perspectiva, importa por suas conseqüências, pela maneira como penetra na vida social, transformando-a. Caracteriza-se, sobretudo, por sua interferência nos comportamentos e pelo atravessamento que produz na experiência daqueles que o sofrem. Ao projetar um horizonte de sentido que lhe é próprio, o acontecimento cria um *contexto institucional de sentido*^{iv} que convoca os indivíduos, instando-os a assumir um posicionamento.

É aí que surge o conceito ou a categoria de público: é enquanto "público" que os sujeitos respondem dentro dessa estrutura de agenciamento, constituindo, no bojo da confrontação estabelecida, suas percepções de mundo e suas posturas. Para Quéré, o conceito de público não diz respeito a um fato positivo (um coletivo concreto e pré-existente), mas é uma forma, ou uma conformação do engajamento e da ação. Públicos se constituem na experimentação coletiva de um fenômeno, no contexto da publicização de uma obra ou representação: é relativo, portanto, a um perceber em conjunto; a um "ato comum de focalização". Público é forma que se traduz numa regra de agenciamento de um todo, princípio de ordem e ação, estrutura que orienta e anima atitudes e comportamentos. (Quéré, 2001, 2003)

O conceito de público está, assim, ligado a uma perspectiva específica, que se expressa na associação a uma determinada ordem de sentido, na adoção de um "ver como". A adoção desse "ver como" – processo de contextualização que conforma

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

possibilidades de interação e posiciona sujeitos – não é da ordem das causalidades e nem tampouco apresenta uma natureza mecânica. É, antes disso, resultado de uma atitude propositiva, marcada por uma intencionalidade (“o público é uma realidade intencional”, resume Quéré). A intencionalidade se relaciona, neste contexto, ao fato do público estar ligado a um contexto institucional específico, uma situação que faz sentido e propicia às pessoas envolvidas sofrer conjuntamente a mesma experiência. O público emerge na experiência ligada a um contexto e ao estabelecimento de uma estrutura de agenciamento que convoca e interpela os sujeitos, posicionando-os e ordenando sua ação. Diz respeito, portanto, tanto a uma dada perspectivação quanto à conformação de modalidades particulares de engajamento na interação.

É assim que um público se constitui duplamente em paciente e agente. Em experiência ele sofre, é afetado. A confrontação com um acontecimento, com uma obra ou texto é vivida como uma travessia na qual aqueles que se expõem correm riscos e colocam em causa sua própria identidade. Por outro lado, se a forma público está atada à idéia de experiência, ela deve ser pensada como ação: confrontados, os sujeitos fazem escolhas, reagem, adotam linhas específicas de comportamento e recusam outras.

Essa concepção fundamenta o olhar que lançamos sobre a interação estabelecida entre sujeito e acontecimento, e nos permite pensar na constituição dos públicos midiáticos não exatamente como “produtos” da mídia ou do acontecimento midiático, mas como princípio de ordem segundo o qual os papéis se agenciam uns com relação aos outros, relação de pertencimento a uma ação estabelecida em conjunto por produtores e receptores.

A comunicação é uma prática recursiva de produção conjunta de sentidos, atravessada por uma dinâmica de negociação mutuamente referenciada de papéis (Quéré, 1982). A noção de público, neste contexto, nos permite perguntar acerca da configuração dos posicionamentos assumidos pelos sujeitos confrontados por um contexto institucional específico. Ela ganha relevância na medida em que possibilita a apreensão da dinâmica de agenciamento dos papéis, dos movimentos e das escolhas dos sujeitos frente aos lugares que lhe são atribuídos no contato com as interfaces não raro condutoras da mídia. Se é fato que os leitores estão inscritos nos textos a eles endereçados e que as narrativas da mídia associam papéis específicos aos sujeitos que interpelam, a noção de público, tal qual formulada por Quéré, ajuda a perceber o grau de recusa e/ou adesão a esses papéis, e o movimento que aí se configura.

É na e pela experiência que o público se constitui – e a experiência é conformadora daquilo e daqueles que dela participam. Desde um ponto de vista pragmatista, John Dewey (2005) ressalta que a experiência existe como processo de organização dinâmica de um sistema em contínua transformação, a saber, aquele formado por um organismo e o espaço circundante.

Na esteira do pensamento de John Dewey, Wolfgang Iser (1976), aponta que a experiência é aquilo que “empurra para o passado o que somos”. Segundo o autor, quanto mais nos envolvemos com um texto, mais o nosso “habitual self” é deslocado. Isso não significa que nossos critérios de orientação ou experiências prévias desapareçam ou percam sentido. “Nosso passado ainda continua nossa experiência, mas o que se passa agora, é que ele interage *with the unfamiliar presence of the text*” (ISER, 1976, p. 132). Não obstante, aponta Iser, a construção da experiência não deve ser entendida com um processo de mera adição, como se a soma das experiências vividas constituísse pacificamente a experiência que temos. Antes disso, a aquisição da experiência emerge como resultado da reelaboração da experiência que já possuímos. Segundo Iser, antes de existir como mera acumulação, esse processo de aquisição deve ser pensando em termos de uma interação entre o “novo” e o “já sedimentado”: o presente do texto ganha forma no contato com a experiência sedimentada dos sujeitos, ao passo que o material estocado (experiência que já possuímos) ganha “nova alma e nova vida” no contato com aquilo que o texto traz de “não-familiar”. Nessa dinâmica interativa, a compreensão de um evento ou narrativa emerge não apenas como um processo de aceitação passiva, mas sim “como resposta produtiva à diferença experimentada”(idem, p. 133). Na perspectiva do autor, a experiência inclui, portanto, ação e escolha, configurando-se como um processo ativo no qual os sujeitos se constituem no mundo e atuam sobre ele.

Seria o caso Fernanda Karina um acontecimento? Teria sido ele dotado de poder de afetação? Como posicionou e foi posicionado por seus públicos? São estas questões que buscamos responder.

O caso Fernanda Karina nas mídias

No estudo do caso Fernanda Karina e na análise de sua conformação enquanto acontecimento, trabalhamos com um corpus que inclui quatro programas de TV (*Jornal Nacional, Mais Você, Boa Noite Brasil e Programa do Jô*), um jornal impresso (*Folha de S. Paulo*) e uma revista semanal (*Veja*), todos eles veiculados entre junho e agosto de

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

2005. Nosso objetivo com essa análise é perceber a maneira como as mídias enfocam o caso em questão, construindo o acontecimento e orientando a confrontação que ele vai estabelecer com seus públicos.

A primeira evidência apontada pela leitura do material é de uma construção paulatina do acontecimento, passando por diferentes fases e ênfases. Num primeiro momento, a intervenção da personagem foi focalizada sob o ponto de vista de sua articulação direta com o escândalo de corrupção então corrente. Ao longo dos dias e diferentes coberturas, outros aspectos e facetas da personagem começam a se evidenciar, e o acontecimento Fernanda Karina é investido de novos significados. Para além de testemunha dos crimes de corrupção, Fernanda Karina assume um status próprio; sua intervenção na cena pública se autonomiza e passa a se desenvolver fora de conexão estrita e direta com o escândalo do mensalão.

Nos primeiros momentos de sua aparição, enquanto testemunha do caso de corrupção, Fernanda Karina aparece numa postura grave, a fala contida. Quando as câmeras do *Jornal Nacional* focalizam a personagem, o que a televisão dá a ver é o semblante sério da ex-secretária que desmente o ex-patrão e levanta suspeita contra os poderosos. O cenho fechado da ex-secretária é coerente com a gravidade da situação: na entrevista que concede ao telejornal, o tema abordado é o envolvimento de Valério na crise política. Fernanda Karina fala sobre a movimentação suspeita de malas de dinheiro nas empresas do publicitário, discorre sobre as ligações do patrão com membros do PT e sobre o teor das conversas que ele mantinha com esses políticos. Nessa fase do acontecimento, Fernanda Karina atua como *testemunha*, trazendo a público uma série de ocorrências que ajudam a elucidar os sentidos da crise e da atuação dos agentes nela envolvidos.

Naquele momento, diferentes mídias se mostram sensíveis às implicações da intervenção da ex-secretária: a trajetória da personagem é acompanhada na medida em que é parte do escândalo de corrupção recém descoberto; seu itinerário e suas palavras são relevantes na medida em que lançam luz sobre os crimes ora investigados. De tal sorte, a atuação da ex-secretária é observada primordialmente sob o ângulo de sua relação com a crise corrente: sua intervenção importa porque produz esclarecimentos a respeito do mensalão e das operações ilegais aí implicadas. Ao jogar os holofotes sobre Fernanda Karina, os agentes da mídia buscam produzir compreensão sobre o contexto problemático instaurado: à luz das revelações da secretária o escândalo político é construído discursivamente, produzido como fenômeno inteligível e dotado de contornos próprios.

Aos poucos, paralelamente à sua atuação como depoente no desvendamento do caso de corrupção, a mídia começa a focar a própria personagem e a explorar seus diferentes papéis: para além de testemunha, Karina é falada como mulher, mãe de família, secretária e cidadã.

Na *Folha de S. Paulo*, por exemplo, o indivíduo que denuncia, presta depoimentos e acusa é caracterizada também como uma *mulher* comum, que enfrenta o patrão e um conjunto de políticos hostis nas CPIs e na Comissão de Ética e Decoro Parlamentar. No dizer do jornal, “de cabelo puxado, óculos pretos quadrados, jaqueta básica e batom forte”, Fernanda Karina representa “o feminino e o não-profissional em meio aos tigres parlamentares – de ambos os sexos – que a inquiriam” (*Folha de S. Paulo*, 29/06/2005)

Mulher comum no meio do furacão político, Karina aparece ainda como *mãe de família*. No programa *Mais Você*, ao relatar o medo sentido em decorrência de uma suposta ameaça^v que havia recebido, Fernanda Karina se apresenta como mãe e esposa preocupada com a segurança e integridade de seus familiares. No diário *Folha de S. Paulo*, reaparecem os traços da mulher de família: Karina é apresentada como uma mulher de classe média, que mora numa casa alugada num bairro nobre de Belo Horizonte. Ela é a “esposa de Vítor (35) e mãe de Naína (8)”, personagem “de fala mansa e afetuosa”, que recebe o repórter na cozinha, oferece café com flocos de aveia vestindo “camisolão de seda e pantufas” (*Folha de S. Paulo*, 31/07/2005, pg 14).

No *Programa do Jô*, a secretária que denuncia é também a secretária que se vê interpelada pelos constrangimentos éticos da profissão. Indagada sobre os deveres dos profissionais do secretariado – entre eles o sigilo – que incidem na relação entre patrão e empregados do setor, Fernanda Karina se assume preocupada com a observância de tais preceitos, mas justifica suas denúncias em nome da defesa dos interesses do país. De acordo com a própria Karina, ao trazer a público os segredos do patrão ela estaria se posicionando contra a malversação do dinheiro público e, por extensão, defendendo os interesses dos brasileiros: “nesse caso existia muito dinheiro. Nosso dinheiro, diga-se de passagem. Era o nosso dinheiro que estava lá!” (*Programa do Jô*, 29/06/2005).

No *Mais Você*, a imagem da secretária que se vê confrontada por problemas de ordem ética reaparece. Na entrevista concedida a Ana Maria Braga um link externo é montado e Fernanda Karina conversa com secretárias que lhe fazem perguntas ao vivo. Uma delas procura saber se, como profissional, Karina havia se arrependido da realização das denúncias. Fernanda Karina se justifica invocando novamente um ideal de

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

“interesse público”: “Não me arrependo de nada (...) Nós estamos precisando disso, todos os brasileiros estão precisando disso. Nós precisamos limpar nossa política de todas as pessoas ruins que estão lá. Se fosse pra fazer de novo eu faria” (*Mais Você*, 18/07/2005)

Na leitura de *Mais Você*, o caso Fernanda Karina diz da história de uma mulher que, dividida entre o respeito que deve ao código de ética da secretária e a intenção de se opor à corrupção, escolheu a segunda alternativa. Dessa feita, na narrativa do programa a personagem assume um novo papel. É como uma pessoa comum, preocupada em defender os interesses de seu país, que Fernanda Karina é apresentada: é a atuação *cidadã* da personagem que ocupa o centro da cena. Karina é percebida como uma brasileira que, em face da corrupção, recusou o silêncio ou qualquer outro tipo de indiferença conivente. Enfatiza-se, nesse contexto, o potencial crítico e contestador de sua intervenção. A própria atuação da apresentadora confirma a nobreza da conduta da ex-secretária. No dizer de Ana Maria Braga, sua entrevistada fez o que cada um de nós deveria fazer em defesa do país:

FK: Vou à Brasília quantas vezes for preciso, pra ajudar. Então, as pessoas têm que começar a falar. Porque não é justo, porque algumas pessoas ganham com isso, e muitas pessoas perdem com isso. Então, tem que começar a falar, gente. Pra acabar com a corrupção só depende da gente.

AM: De cada um de nós (*Mais Você*, 18/07/2005).

Numa fase já posterior do evento, quando vêm à tona as discussões em torno do caso *Playboy* e da pré-candidatura de Fernanda Karina, o acontecimento toma novos contornos. A ex-secretária, antes peça do escândalo político em curso, alça vôo solo e começa a “acontecer” por conta própria. Ela é procurada pela imprensa escrita e televisiva para falar não apenas acerca daquilo que supostamente sabia sobre o pagamento do “mensalão”, mas também para discutir o andamento de suas negociações com a *Playboy* e os rumos de sua nascente campanha política. O que agora está em causa nos textos da mídia são os planos próprios de Fernanda Karina, sua trajetória autônoma como *sex symbol* e pré-candidata. Dessa feita, de coadjuvante do escândalo de corrupção ela passa a protagonista de sua própria história.

A notoriedade alcançada por Fernanda Karina como testemunha de acusação no escândalo do mensalão possibilita uma guinada no acontecimento. A atenção conferida pelas mídias à personagem no início da crise política joga por terra o anonimato da ex-

secretária, influenciando inclusive na sua forma de se portar. A mulher que depunha acuada e circunspecta nas CPIs e na Comissão Ética, aparentando falta de jeito na lida com os *flashes* e as câmeras, dá lugar a uma outra Karina, sorridente e confortável diante dos holofotes. Transforma-se, nesse processo, o papel desempenhado pela ex-secretária nas narrativa midiáticas: mais do que apenas peça do escândalo político, ela agora torna-se também *celebridade*, *sex symbol* e *pré-candidata*. Esses papéis aparecem profundamente imbricados entre si: é a fama efêmera de Fernanda Karina que alimenta o interesse da *Playboy* em torno da personagem e cria condições para que a ex-secretária possa apresentar seus interesses eleitorais no espaço de visibilidade midiática.

No *Boa Noite Brasil*, programa da Rede Bandeirantes apresentado por Gilberto Barros, Fernanda Karina aparece como uma estrela. O foco da entrevista concedida pela ex-secretária recai sobre ela mesma: discute-se os projetos da personagem, as novas experiências que está vivendo e seus planos para o futuro. Ainda que, em alguns momentos do programa, o apresentador tenha tocado no tema das denúncias e do escândalo de corrupção, o que realmente está em pauta na entrevista é a própria Fernanda Karina. Percebida como mais do que apenas uma testemunha do mensalão, a ex-secretária é tratada como celebridade. No *Boa Noite Brasil* Fernanda Karina é a estrela que sorri pra platéia e dá "tchauzinho" para a câmera. Mesmo sua entrada no programa é apoteótica: ao som de músicas típicas dos filmes épicos, Fernanda Karina atravessa o palco como se desfilasse numa passarela. No trecho abaixo transcrito Gilberto Barros toca diretamente nesse assunto:

Gilberto Barros: Você quer ser celebridade Karina?

FK: Não (...)

Gilberto Barros: Você acredita que seu nome vai entrar para história do Brasil?

FK: Acredito. Assim como foi a outra secretária, o motorista.

Gilberto Barros: O seu negócio é ser famosa, deputada ou ganhar dinheiro?

FK: Ser deputada, é claro.

Fernanda Karina assume aí a postura de uma personagem convicta de sua importância, que crê inclusive, ter entrado para a história do país. Ela pretende recusar o papel de celebridade, no entanto, ela já o está desempenhando. No trecho citado acima vemos ainda a ex-secretária atuar como *pré-candidata*: a mulher que veio a público denunciar relações e atitudes suspeitas de políticos quer agora ser um deles.

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

Nesse contexto, os palcos de *Boa Noite Brasil* convertem-se em palanque para a pré-candidata que até então não tivera nenhuma experiência prévia no mundo da política e não era filiada a nenhum partido^{vi}. Durante a entrevista concedida a Gilberto Barros, Karina discursa em prol do “bem da nação” levantando a bandeira da ética e do combate à corrupção. Segundo ela, a política brasileira está carente de renovação: “é preciso tirar realmente as pessoas corruptas e colocar pessoas que realmente querem o bem do país. Eu quero o bem do meu país (...) As pessoas precisam de um país melhor. (*Boa Noite Brasil*, 09/08/2005).

Fernanda Karina atua ainda como *sex symbol*, papel que aparece imbricado com o de *pré-candidata*: segundo Karina suas despesas de campanha seriam pagas com o cachê obtido pela realização de um ensaio fotográfico para a revista *Playboy*. Embora o ensaio nunca tenha sido realizado, a possibilidade de Karina aparecer nua nas páginas de uma revista gerou certa polêmica. A ex-secretária não se encaixa com facilidade no padrão de beleza associada às *playmates* típicas e, em virtude disso, sua disposição em posar nua foi alvo de inúmeras chacotas. Na *Folha de S. Paulo* do dia 26/07/2005, o colunista José Simão escreveu: “Tem pelada na CPI (...) Fernanda Karina vai mostrar os fundos pra arrecadar fundos. Então a “Playboy” vai ter prejuízo: R\$ 2 milhões pra ela e mais R\$ 2 milhões de *Photoshop*! Uma mala de dinheiro!” No mesmo jornal, Fernanda Karina aparece (vestida) em outro ensaio fotográfico. Na entrevista que acompanha as fotos, ela diz não se considerar bonita, mas demonstra bastante confiança diante das lentes do fotógrafo. Em matéria publicada na *Revista da Folha*, o jornalista responsável pela matéria, com certa ironia, chama atenção para habilidade de Fernanda Karina na interação com a câmera:

“Versátil, [Karina] rapidamente se transforma quando entra no fundo infinito do estúdio (...) Pelo repertório de olhares fatais e viradas de pescoço, conclui-se que a secretária folheou muitos editoriais de moda ou perdeu tempo correndo pelo campo” (*Folha da S. Paulo* 31/07/2005).

Percebe-se, nessa fase, um esvaziamento gradual do acontecimento. Colocada no centro da cena, a mulher que antes prestava esclarecimentos acerca da crise política demonstra interesse em acontecer por conta própria. Tal guinada traz consigo uma importante diminuição no seu poder de afetação. Mesmo que, inicialmente, as diferentes mídias tenham se mostrado sensíveis ao projeto autônomo da secretária, com o passar do tempo o caso alcança seu esgotamento: como mulher que exhibe seu corpo, ou como candidata, a personagem se torna incapaz de continuar atraindo os

holofotes da mídia ou suscitar o interesse público; gradualmente, o caso Fernanda Karina perde força e deixa de acontecer.

A experiência do acontecimento: o posicionamento do público

Se ao longo das narrativas midiáticas o caso Fernanda Karina veio se constituindo enquanto acontecimento através de diferentes fases e quadros de sentido, o outro lado da questão diz respeito ao seu poder de afetação, à maneira como ele dialoga e constitui a interlocução com seu público. Num segundo momento de nosso trabalho, voltamo-nos para a forma como os sujeitos se constituem, enquanto público, na experiência do acontecimento Fernanda Karina, reagindo à interpelação por ele estabelecida. Na tentativa de responder a tais perguntas, trabalhamos com três grupos focais na cidade de Belo Horizonte, no segundo semestre de 2005.^{vii}

Conforme indicado na discussão anterior, a narrativa midiática do caso Fernanda Karina evidenciou vários aspectos, papéis e performances da personagem, buscando ampliar os quadros de sentido evocados pelo acontecimento. Fernanda Karina foi sucessivamente enfocada como testemunha de acusação no escândalo do mensalão, mulher e mãe de família, secretária, cidadã comum, modelo de ensaio fotográfico em revista masculina, pré-candidata a deputada federal. As discussões empreendidas nos grupos focais mostram que tais tentativas das narrativas midiáticas e da própria personagem de orientar as discussões e agenciar o posicionamento do público atingido não foram propriamente frutíferas – e provocaram respostas contrárias. A mídia procurou ampliar o quadro de sentido do acontecimento Karina; os sujeitos convocados reconduziram o caso para um enquadramento político particular.

Como primeiro ponto a ser destacado no posicionamento dos entrevistados, registramos a maneira como eles identificam o lugar e a motivação da personagem. Em programas como *Mais Você* e *Boa Noite Brasil*, a atuação de Fernanda Karina é associada a um compromisso cidadão com o bem do país. As manifestações ouvidas nos grupos focais indicam que não é exatamente desta forma que os participantes classificam as intervenções de Fernanda Karina na cena pública. Se em sua passagem pela TV a ex-secretária mobiliza como justificativa para suas ações a defesa do bem público, nossos entrevistados colocam em dúvida suas motivações e parecem acreditar que, depois de ganhar a atenção das mídias, Fernanda Karina procurou reverter em benefício próprio a notoriedade alcançada. “Ela quer se promover. Eu acho uma verdadeira hipocrisia quando a ela diz ‘eu quero defender o Brasil’” (Geórgia, 25 anos,

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

grupo 2) Na perspectiva dos entrevistados, Fernanda Karina emerge como uma personagem oportunista que, percebendo a potencialidade da visibilidade midiática, procura retirar o máximo proveito da situação criada. A ex-secretária tenta tirar partido do fato de ter se tornado uma figura conhecida para fazer deslanchar projetos próprios, conforme ilustra a manifestação abaixo:

Fátima: Pois é. Se ela queria fazer um bom ato para o povo brasileiro ela tinha que denunciar e simplesmente...pronto! Denunciei e acabou. Agora isso de ficar indo nos programas...ela quis se promover mesmo a celebridade (Fátima, 48 anos, grupo 3)

A respeito do caso *Playboy*, as manifestações dos sujeitos entrevistados foram diversas, mas todas de cunho crítico: o assunto suscitou tanto a indignação quanto o riso. No Grupo focal 3, as discussões em torno do tema geraram comentários amplamente desfavoráveis a Fernanda Karina. Principalmente entre as mulheres, o caso *Playboy* é avaliado como falta de retidão de caráter por parte de Fernanda Karina. Através de um discurso fortemente moralizante, as entrevistadas parecem rezear que, caso eleita, a ex-secretária possa estender a “falta de honestidade” que marca sua conduta na vida privada à sua atuação como profissional no Câmara dos Deputados: “já que ela teve coragem de posar nua pra ganhar dinheiro, ela, por que ela não teria coragem de fazer coisa pior?” (Arlinda, 58 anos, grupo 3).

Já no Grupo Focal 1, composto exclusivamente por universitários, o tema foi motivo de piadas. O que chama atenção dos participantes é a incongruência da aparência de Fernanda Karina e sua disposição em posar nua “Aquilo ali nem *Photoshop* dá jeito. Vão ter que criar um programa específico pra ela”. “Compraria revista para rir talvez”. (Daiane, 21 anos e Vanessa, 20. Grupo 1)

As manifestações apresentadas indicam que nos vários papéis ensaiados – modelo fotográfico, candidata, cidadã - Fernanda Karina não consegue convencer. O caso *Playboy*, como vimos, repercutiu de forma muito desfavorável. Por um lado, a possível nudez de Fernanda Karina suscitou o deboche e o riso em consequência do ridículo: em nenhum momento das discussões realizadas a ex-secretária foi caracterizada como atraente: “ela não é bonita, não tem simpatia nenhuma, nem atributos para estar na *Playboy*” (Ademar, 35 anos, grupo 2). Nesse sentido, as aspirações de Fernanda Karina em ocupar o posto de *sex symbol* assumem ares patéticos. Por outro lado, numa postura um tanto conservadora, outros participantes chamam atenção para

aquilo que existe de “indigno” no ensaio: uma mulher que posa nua não é honrada e, por extensão, seria pouco indicada para exercer o cargo de deputada federal.

Como candidata Fernanda Karina também não suscitou adesão. A inexperiência de Fernanda Karina no campo da política e sua aparente falta de critério no momento de escolher o partido ao qual se filiaria (a ex-secretária chegou a negociar simultaneamente com seis legendas) contribuem para criar a impressão de que a ex-secretária “caiu de pára-quadras” no mundo da política e leva os entrevistados a manifestar forte desconfiança em relação à sua candidatura. O fato de Fernanda Karina pretender começar sua carreira já como deputada federal também indica, para os entrevistados, o oportunismo e falta de consistência da personagem. “Eu acho que ela está se aproveitando da oportunidade. Em vez de ela começar com o pé no chão, ela tá querendo ‘avovar’(...) Eu acho que as pessoas deve começar com o pé no chão. Num deve começar ‘avoando’ primeiro não” (Maria, 61 anos, grupo 3).

Na opinião de alguns, o posto de deputada federal, que demanda grandes responsabilidades, deveria ser assumido por indivíduos mais experientes, que trazem no currículo um histórico de trabalho junto às comunidades e uma lista mais extensa de serviços prestados ao coletivo do qual pretende ser representante. “Ela não está querendo nem saber se já existem experiências em comunidades, ela não quer se candidatar a vereadora, ela quer um cargo de deputado federal. Quer dizer, ela tá querendo dar um salto muito alto” (Sebastião, 30 anos, grupo 3). De forma geral, nota-se que os participantes dos grupos focais apontam uma incompatibilidade entre as pretensões de Fernanda Karina e suas qualidades: eles ressaltam, para o cargo de deputada federal, a necessidade de um comprometimento que não combina com a aventura e nem mesmo com o oportunismo que supostamente caracterizariam a conduta de Fernanda Karina. Assim, seu projeto como candidata evidencia-se frágil, desprovido de consistência ou de atrativos que pudesse angariar o apoio dos membros do público.

Finalmente, a pretensão da personagem em se vender como cidadã defensora dos interesses do país parece também não obter credibilidade. Como ficou indicado, por mais que alguns entrevistados entendessem que as denúncias inicialmente levadas a cabo por Fernanda Karina pudessem ser bem intencionadas, a positividade aí identificada perde força a partir do momento em que a personagem tenta se beneficiar da situação.

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

Se os comentários produzidos pelos entrevistados sugerem que a personagem não convence naquilo que ela mesma e certos elementos do discurso midiático pretenderam construir, as entrevistas indicam, no entanto, que o caso não foi desprovido de sentido. As falas mostram antes que ele foi lido como índice da realidade política mais ampla do país. Os vários aspectos do envolvimento da secretária na crise – as denúncias, a acusação de extorsão, a candidatura – são recolocados pelos entrevistados num outro quadro de sentido, e atuam na reflexão sobre prática política e a atuação dos políticos em nosso país.

A experiência do caso Fernanda Karina, então, não deixa de se constituir como esclarecimento (processo de conhecimento) sobre o mundo: ela evoca uma situação problemática que a ultrapassa e serve como elemento de compreensão da realidade política brasileira. Uma forma específica de perceber a natureza do fazer político institucional no país é lida e é confirmada por este acontecimento: o caso Fernanda Karina é visto como “política”, como parte (ou consequência) do jogo de poder e interesses que se desenvolve em Brasília. Na fala de dois entrevistados, o caso Karina emerge como um evento que ganha sentido quando correlacionado a um contexto mais amplo – que o torna possível e o condiciona:

Juliano: Eu só acho que essa moça representa a sordidez da política. O jeito que ela foi usada. Nem tem como expressar a sordidez da política, como é que ela está suja mesmo, as coisas baixas que acontecem (Juliano, 30 anos, grupo 2)

Ademar: De repente acontece isso (denúncias de Fernanda Karina) e todos chegam à conclusão que o PT era a mesma coisa de todos os outros. Então são coisas que deixam a nossa população muita desacreditada. E o pior é você chegar à conclusão de que os políticos não querem uma renovação por se auto beneficiarem disso. Político nenhum quer o crescimento do país por causa de interesses próprios (...) Então essas coisa vão minando a força da população. (Ademar, 35 anos, grupo 2)

Num contexto de corrupção e desrespeito às leis e aos princípios morais, o interesse público perde relevância em face dos interesses privados de parlamentares e governantes. O caso Fernanda Karina emerge, na ótica desses indivíduos, como sintoma do descaso e do oportunismo de seus representantes: é revelador de toda a ‘baixeza’ que grassa no cenário político institucional brasileiro. O acontecimento, assim, evidencia mazelas crônicas de nosso meio político - o tão discutido problema da corrupção - bem como produz significação acerca da realidade mais próxima. Como

indica o depoimento de Ademar, a confrontação com o caso Fernanda Karina é vivida também como um sintoma de que os desvios na política brasileira penetram em todos os espaços e atingem todos os atores (de Fernanda Karina ao Partido dos Trabalhadores).

O acontecimento Fernanda Karina, tal qual narrado pelos mídia, interpela os sujeitos enquanto público de um espetáculo plural que coloca em cena episódios variados e conectados entre si, mas apenas frouxamente relacionados a uma trama maior que os inclui. Em seu fazer de leitores, os membros do público constroem as ligaduras que unem o acontecimento ao contexto mais ampliado do qual ele faz parte, retirando-o do domínio de sua imediaticidade ou mera singularidade^{viii}. Nesse movimento, a exposição ao caso Fernanda Karina estimula o mapeamento da realidade mais abrangente da qual ele faz parte, permitindo que os sujeitos apreendam e atribuam sentidos a essa mesma realidade. A experiência do acontecimento produz compreensão acerca da vida política do país, explicando os hábitos, vícios e costumes de nossos representantes.

O acontecimento emerge, portanto, como fenômeno de sentido que serve de matéria-prima para a elaboração das percepções e dos pontos de vista dos sujeitos entrevistados. A partir dele, os membros do público conformam sentido sobre o mundo e se posicionam em relação a ele. Nesse contexto, o caso Fernanda Karina, como demonstra a intervenção de Ademar, parece alimentar um certo desânimo em relação às formas de fazer política no Brasil. A história da ex-secretária é percebida como sintoma de uma situação profundamente problemática, que descontenta os sujeitos e 'mina as forças da população'. Durante o tempo em que foi lembrada, Fernanda Karina parece ter existido para os sujeitos entrevistados como um pequeno e triste retrato da forma como a política funciona em nosso país: denúncias graves terminam em pizza – ou nas páginas da *Playboy*.

O confronto entre as falas colhidas nos grupos focais e extratos dos discursos produzidos pela mídia mostra que esses dois sujeitos – cidadãos comuns e mídia - não transacionam da mesma forma com os quadros de sentido evocados pelo acontecimento. Como postula Quéré, é próprio do acontecimento produzir esclarecimento sobre o contexto no qual ele aparece inscrito. Percebe-se, no entanto, que esse "poder de revelação" é apropriado diferentemente pelos participantes dos grupos focais e pelos atores midiáticos; a relação corrupção e política foi apreendida de forma distinta por uns e por outros. A narrativa midiática enfatizou sobretudo a relação entre o acontecimento Karina e o atual grupo no poder. No *Jornal Nacional*, por exemplo, o caso Fernanda Karina é sentido como um micro-acontecimento dentro de

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

acontecimento maior, a saber, a crise política que se abateu sobre o país em 2005. Nas entrevistas realizadas pelo telejornal, Fernanda Karina é tratada como fonte de informações sobre atos suspeitos que poderiam incriminar membros do alto escalão do governo federal: no programa, a personagem é apresentada como testemunha de acusação de um escândalo de corrupção recém descoberto. O acontecimento, nesse contexto, emerge como fenômeno de sentido dotado de poder de revelação acerca da crise política então instalada.

De forma um tanto distinta, como indicam as falas citadas, nossos entrevistados lêem o acontecimento como um fenômeno de sentido evocando um contexto problemático que inclui a atual crise política, mas que não é redutível a ela. O acontecimento, assim, atravessa a experiência de nossos entrevistados como índice de uma situação complexa e mais extensa: é como sintoma de um problema crônico e não apenas como explicação de um mal conjuntural que o caso Fernanda Karina é lido por nossos entrevistados. O contexto, portanto, evocado pelos entrevistados, é mais amplo que aquele desenhado pela mídia; ele engloba a recente crise política, mas a ultrapassa. Se nos jornais e na TV o acontecimento parece lançar luz, precipuamente, sobre um quadro recente, os depoimentos colhidos nos grupos focais indicam que a confrontação com o acontecimento leva à reconstituição sobretudo de um passado.

É interessante notar que não foi apenas a atuação de Fernanda Karina como peça chave na investigação do escândalo de corrupção que levou nossos entrevistados a tratarem este acontecimento como sintoma de nossa realidade política. Mesmo em seus aspectos mais surpreendentes e inusitados, o acontecimento é sentido por alguns dos participantes como signo da desordem e das incongruências da política brasileira. Nesse contexto, o caso *Playboy* e a candidatura de Fernanda Karina são encarados como uma representação “do cômico e do trágico da política brasileira”, como mais uma dentre as várias ocasiões em que, no Brasil, as discussões “sérias” perdem força e evoluem no rumo do deboche. Os depoimentos de Daiane e Danilo são exemplares nesse sentido:

Daiane: Eu acho que o acontecimento Fernanda Karina ele, talvez, ele seria uma miniatura que representa bem talvez como a gente encara a política no Brasil. Começa como uma coisa séria, aí depois cai pro lado sexual e acaba no humor, numa grande piada. Acaba no engraçado e não vai no carço do negócio. Tipo: porque você denunciou? Porque você demorou tanto a denunciar? Fica tudo na superficialidade e acaba de um jeito engraçadinho. E o pior é que nem acabou, que agora ela candidata pelo PMDB. (Daiane, 20 anos, grupo 1)

Danilo: Concordo. Ela representa o trágico e o cômico da política no Brasil. (Danilo, 22 anos, grupo 1)

Dessa forma, a experiência do acontecimento se converte em fonte de compreensão sobre o mundo: aos entrevistados, ela dá a ver a falta de seriedade que caracteriza a nossa forma de fazer política. O despreparo da ex-secretária é o despreparo de muitos de nossos representantes. O oportunismo dela é também o deles: um pouco do Brasil e do nosso ("sórdido") meio político aparece estampado nas surpreendentes intervenções de Fernanda Karina.

Verifica-se que nesse processo de organização (de ordenação do fato novo), os sujeitos constroem uma forma específica de se posicionar frente a ele, posicionamento este que se expressa em comportamentos e em formas de perspectivar uma realidade particular. O acontecimento, aponta Lança, existe como "vértice de um processo de transformação" (2005, p. 89). Dessa forma, ele importa por suas conseqüências, pelas modificações que produz e pela forma como interfere no domínio da ação e dos comportamentos daqueles a quem ele toca. É por isto que podemos dizer que o acontecimento se mede pela sua capacidade objetiva de afetar, por aquilo que de fato ele traz como potencial de mudança, e pela maneira como se insere no domínio da vida e das práticas sociais. A análise das falas recolhidas nos grupos focais mostra que a experiência do acontecimento em questão tensiona a imagem que entrevistados têm dos políticos e este processo incide sobre as posturas dos indivíduos, contribuindo para a criação de um ambiente em que predomina uma postura de descrença e desânimo em relação à política. Diante da "corja" que está em Brasília, os entrevistados se afirmam incrédulos e sem alternativa: "pra dizer a verdade, no Brasil não tem político mais para você eleger não". (Olinda, 60 anos, grupo 3)

Para Quéré, "a experiência é, pois, aquilo pelo que um sujeito e um mundo se constituem, confrontando-se com acontecimentos, na articulação mais ou menos equilibrada de um saber e um agir" (2005, p. 70). Ela emerge, portanto, como dinâmica em que os sujeitos constroem pontos de vista sobre o mundo e formas de se relacionar com a realidade. Nesse sentido, a experiência do caso Fernanda Karina parece ter contribuído para reforçar uma imagem bastante recorrente dos políticos e da política no Brasil. Na ótica dos entrevistados, o caso Fernanda Karina é sintoma de uma realidade problemática e carente de reformas urgentes, na qual aqueles que deveriam zelar pelo bem da população e da coisa pública ocupam-se primordialmente com a defesa de seus interesses particulares. A política surge assim como um "mar de

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

lama”, um jogo “baixo”, “sujo” e “sórdido” no qual a corrupção aparece alastrada; no posicionamento manifestado pelos entrevistados em relação ao acontecimento, percebe-se a corroboração de conhecimentos já inscritos no domínio do senso comum. A experiência do acontecimento Fernanda Karina atua na reafirmação e consolidação do já cristalizado.

Para Wolfgang Iser, “a experiência reestrutura aquilo que somos” (1976); ela provoca uma dinâmica de abertura e reformulação que empurra para o passado nosso *self* habitual. Diversamente desta idéia de reformulação, nas manifestações dos entrevistados encontramos antes os traços de um movimento confirmatório de produção do mesmo. Mais do que uma dinâmica instauradora de uma descontinuidade, a experiência do caso Fernanda Karina serviu para confirmar e repetir juízos, colaborando para validar formas já recorrentes de se pensar a política no país.

Em nosso esforço de compreender a recepção do acontecimento Fernanda Karina, pudemos constatar sua inscrição temporal, seu caráter situado, assim como um trabalho de configuração e de apropriação desenvolvido por seus públicos. As pessoas interagiram com este acontecimento, e o integraram em sua experiência. O caso não somente mobilizou as pessoas do ponto de vista de suas opiniões e posicionamento (todos tinham uma opinião bastante clara a seu respeito), mas também esta opinião – negativa – se traduziu de forma contundente no momento das eleições, quando Karina se apresentou como candidata a deputada e obteve uma votação inexpressiva.

Em síntese: pudemos perceber que o caso obteve repercussão e mobilizou quadros de sentidos diversos, mas, ao atuar principalmente na confirmação do já sabido, alcançou um fraco poder de afetação. Esta afetação, no entanto, não foi inexistente: de uma certa maneira, ele atuou reforçando a desconfiança e a falta de esperança. Utilizando as categorias de Dewey (2005), poderíamos dizer que a perspectiva apontada pelos entrevistados indica mais uma dinâmica de reconhecimento do que de percepção. O reconhecimento, nos diz o filósofo pragmatista, opera através de esquemas pré-estabelecidos: “um detalhe ou um agrupamento de detalhes serve para desencadear um processo de identificação”. Já a percepção aciona “um ato de reconstrução, e a consciência é então viva e animada” (DEWEY, 2005, p. 78).^{ix}

Como aponta Dewey, a dinâmica do reconhecimento conduz o sujeito na direção de esquemas previamente formulados, marcado pelo conhecido e pelo identificável. Nesse sentido, o caso Fernanda Karina parece atravessar a experiência dos participantes sem produzir deslocamento ou reestruturação. A novidade que ele introduz não desloca

porque muito facilmente se harmoniza com a experiência prévia dos entrevistados, sujeitos marcados pela convivência constante com práticas de corrupção que recursivamente se sucedem na cena política brasileira.

Poderíamos então dizer que encontramos o público deste acontecimento – ou apenas que, procurando o público supostamente mobilizado pelo caso, encontramos na verdade o público do escândalo político maior, no interior do qual o caso da ex-secretária se inscreveu? Mais do que estabelecer afirmações classificatórias e fechadas, almejamos em nossa reflexão perceber um processo no qual experiências consecutivas se tornam objeto umas das outras. Os quadros de sentido se constroem através da interação (ou transação, conforme Dewey) entre fases de uma atividade que se desenvolvem no tempo: tanto o acontecimento Fernanda Karina se alimenta do acontecimento maior do qual ele faz parte, como este último apenas existe através dos pequenos acontecimentos que ele desencadeia e contém. É esta dinâmica como um todo que estrutura, molda e orienta os comportamentos e a experiência de seus públicos.

Referências

- CHAPARRO, M C. (2001) *Linguagem dos Conflitos*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso de la información. La construcción del espejo social*. Buenos Aires. Gedisa Editorial, 1997
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo, Contexto, 2006.
- DEWEY, John. *L'art comme expérience*. Pau, Farrago, 2005.
- ERBOLATO, M. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Editora Ática. 1991
- _____. (1985) Notícia. In: *Dicionário de Propaganda e Jornalismo*. Campinas: Papyrus Livraria Editora, 1985, p. 221
- FRANÇA, Vera. *Interações midiáticas: público, agenciament e encenações de papéis*. Projeto de pós-doutoramento. Belo Horizonte, PPGCOM-UFMG / CNPq, 2005.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da piramide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tche, 1987.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1999
- LAGE, N. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979, p. 33-41. 1979.

O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso

_____. (2003) *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record.

LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. In: *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, n.6. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio D. (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997

QUÉRÉ, Louis. *Des miroirs équivoques. Aux origines de la communication sociale*. Paris, Albier, 1982.

_____ et KAUFMANN, Laurence. Comment analyser les collectifs et les institutions? In: QUÉRÉ, L. et al. (org.). *L'ethnométhodologie. Une sociologie radicale*. Colloque de Cerizy. Paris, La Découverte, 2001.

QUÉRÉ, Louis. Le public comme forme et comme modalité d'expérience. In: CEFAÏ, D e PASQUIER, D. (org.). *Les sens du public. Publics politiques, publics médiatiques*. Paris: PUF, 2003.

_____. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Nº 6. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

REBELO, José. Dossier: O acontecimento. Apresentação. In: *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, n.6. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

ROMANO, Claude. *L'Événement et le temps*. Paris, PUF, 1999.

ⁱ A primeira aparição pública de Fernanda Karina se deu por meio da revista semanal *IstoÉ Dinheiro*, publicada no dia 22 de junho de 2005.

ⁱⁱ Com 2.307 votos, foi apenas a 458ª oitava candidata mais votada no estado de São Paulo nas eleições de 2006.

ⁱⁱⁱ Grifo do autor.

^{iv} "Mas considerar o público como uma realidade intencional não é colocá-lo na dependência de intenções individuais; é antes ligá-lo à projeção de um contexto institucional que atribui sentido. Talvez seja necessário precisar de que maneira um fato social pode ser dito intencional. O exemplo do contrato é esclarecedor a este propósito: é preciso um contexto sócio-histórico de usos, de regras e de instituições para que o gesto de apor uma assinatura embaixo de um documento tenha o valor de um engajamento contratual." (QUÉRÉ, 2003, p. 120). (*tradução nossa*)

^v Em 22 de junho de 2005, Fernanda Karina afirma à imprensa que, em represália às denúncias que vinha realizando, ela e seus familiares receberam ameaças de morte. Inicialmente ela reage às ameaças desmentido as acusações que havia sustentado até então. Posteriormente, instruída por seu advogado, ela volta atrás, pede proteção policial e confirma suas denúncias contra Marcos Valério.

^{vi} Quinze dias antes de se encerrar o prazo para que os candidatos das eleições de 2006 anunciassem os partidos pelos quais concorreriam, Fernanda Karina negociava com seis legendas. Por fim, sai candidata pelo PMDB de São Paulo. (nas primeiras entrevistas, anunciara que se candidataria pelo estado de Minas Gerais – onde morava na época do acontecimento, embora fosse originária do estado de São Paulo).

^{vii} Realizamos 3 grupos focais: o primeiro deles (Grupo 1) contou com a participação de estudantes universitários; o segundo (Grupo 2) com alunos de um curso de escolarização para adultos, e o terceiro (Grupo 3) com membros de uma associação de um bairro popular de Belo Horizonte. A discussão dos grupos foi estimulada pela exibição de um vídeo contendo trechos de entrevistas concedidas por Fernanda Karina a quatro programas de TV: *Jornal Nacional*, *Mais Você* e *Programa do Jô* (Rede Globo), *Boa Noite Brasil* (Rede Bandeirantes). Nossa amostra se constituiu de aproximadamente 30 pessoas.

^{viii} O singular é aqui entendido como aquilo que diz respeito aos aspectos mais específicos e pontuais de um fato. A esse respeito ver Genro Filho, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*.

^{ix} “No ato de reconhecimento há o embrião de um ato de percepção. Mas não se dá a este embrião a possibilidade de se desenvolver em uma percepção completa da coisa reconhecida. Este início de percepção é interrompido no momento em que ele vai cumprir uma outra função, da mesma maneira que nós reconhecemos alguém na rua para cumprimentá-lo ou para evitá-lo, e não para tomá-lo como um simples objeto de estudo.” (DEWEY, 2005, p. 78) (*tradução nossa*)